



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
CENTRO DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE LETRAS ESTRANGEIRAS**

TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO II

**SALA DE AULA NA PANDEMIA:
O ENSINO REMOTO PELA PERSPECTIVA DA ALUNA DE
ESTÁGIO SUPERVISIONADO II DO CURSO DE LETRAS
PORTUGUÊS – INGLÊS**

SÃO CRISTÓVÃO

2021

DANIELLE SILVA TELLES

**SALA DE AULA NA PANDEMIA:
O ENSINO REMOTO PELA PERSPECTIVA DA ALUNA DE
ESTÁGIO SUPERVISIONADO II DO CURSO DE LETRAS
PORTUGUÊS – INGLÊS**

Trabalho de Conclusão de Curso II (TCC II), apresentado ao curso de Letras Português-Inglês da Universidade Federal de Sergipe (UFS), como parte dos requisitos para obtenção do título de Licenciada em Letras Português-Inglês.

Orientadora: Profa. Dra. Elaine Maria Santos

SÃO CRISTÓVÃO

2021

Sala de aula na pandemia: O ensino remoto pela perspectiva da aluna de Estágio Supervisionado II do curso de Letras Português – Inglês

Danielle Silva Telles¹

Resumo

Em decorrência da Pandemia do novo coronavírus, que se alastrou no mundo, atingindo o Brasil desde 2020, as estratégias de ensino e aprendizagem precisaram ser revistas e reorganizadas em um curto espaço de tempo, a fim de encontrar soluções que, mesmo transitórias, pudessem garantir a continuidade de atividades acadêmicas em caráter de emergência. Nesse contexto, o presente trabalho tem como objetivo fazer um relato das modificações que foram verificadas no Curso de Letras Português - Inglês da Universidade Federal de Sergipe, a partir da percepção da aluna matriculada na disciplina de Estágio Supervisionado de Língua Inglesa II, com o objetivo de apresentar as dificuldades e limitações do formato remoto, e como essa nova modalidade afetou essa unidade didática, que também precisou ser repensada de forma a proporcionar remotamente uma formação de qualidade aos vivenciados. Trata-se de uma pesquisa qualitativa, do tipo bibliográfica e exploratória, utilizando os pressupostos da pesquisa-ação e das anotações da professora estagiária.

Palavras-chave: Estágio supervisionado. Relatos de Experiência. Ensino Remoto. Língua Inglesa.

Abstract

As a result of the Pandemic of the new coronavirus, which has spread throughout the world, affecting Brazil since 2020, teaching and learning strategies needed to be revised and reorganized in a short period of time, to find solutions that, even transitory, could guarantee continuing academic activities on an emergency basis. In this context, the present work aims to report the changes that were verified in the Portuguese - English Language Course at the Federal University of Sergipe, from the perception of the student enrolled in the Supervised Internship subject, aiming to present the difficulties and limitations of the remote format, and how this new modality affected this didactic unit, which also needed to be rethought in order to remotely provide quality training to the ones who have experienced this mode of teaching. It is a qualitative research, of the bibliographical and exploratory type, using the assumptions of the research-action and the notes of the trainee teacher.

Keywords: *Supervised internship. Experience Reports. Remote Teaching. English language.*

¹ Graduanda em Letras Português – Inglês pela Universidade Federal de Sergipe. Texto apresentado como requisito da disciplina Trabalho de Conclusão de Curso II, na Universidade Federal de Sergipe, sob a orientação da Profa. Dra. Elaine Maria Santos

Introdução

A pandemia da COVID-19 evidenciou as fragilidades da educação e, ao mesmo tempo, expôs indicativos de transformação necessários nos modos de ensinar e aprender no século XXI. Diante dessa conjuntura mundial, o sistema educacional foi obrigado a se reinventar para minimizar os impactos dessa pandemia.

O imediatismo criado pela pandemia em relação à transformação das aulas presenciais em aulas remotas levou muitos professores a implementarem estratégias sem o tempo adequado para planejamento e reflexão sobre o que estava sendo realizado. Frente a esses novos desafios enfrentados pelos educadores, surge uma nova perspectiva nas formas de ensinar e aprender.

Em meio a esse cenário, no qual, adaptações emergenciais são necessárias para a continuidade das atividades acadêmicas, o presente relato de experiência procura discorrer sobre a implantação do ensino remoto emergencial na Universidade Federal de Sergipe, trabalhando os novos desafios enfrentados e mudanças ocorridas devido a essas restrições, consequência do isolamento e distanciamento social, sendo necessário repensar a forma de ensino, incluindo o estágio supervisionado.

Utilizando os pressupostos da pesquisa-ação, na qual a estagiária se torna participante e pesquisadora do mesmo fato, a vivência do estágio supervisionado foi relatada a partir das percepções e anotações da estagiária, durante as suas experiências nas salas virtuais das quais teve a oportunidade de participar. Assim, trata-se de uma pesquisa qualitativa do tipo bibliográfica e exploratória, já que os relatos servirão para que futuras bases teóricas sejam construídas sobre as questões teórico-metodológicas relacionadas ao Ensino Remoto Emergencial, principalmente quando levamos em consideração que esse cenário pode se repetir em outros momentos e contextos.

Implementação do ensino remoto

A pandemia do Covid-19, que se alastrou no mundo desde novembro de 2019, transformou, de forma inimaginável, a vida e cotidiano das pessoas,

tornando-se responsável pela perda de milhares de vidas. Devido ao rápido contágio do novo coronavírus, o isolamento social se estabeleceu como a única alternativa para o controle e diminuição da contaminação, o que causou transformações nos hábitos sociais em todo o mundo. Nesse cenário, surgiu a necessidade de repensar as práticas pessoais e profissionais, e novas determinações foram estabelecidas, entre essas mudanças, uma das mais expressivas foi a educacional, já que não seria mais seguro o ensino presencial. Os profissionais da educação enfrentaram, então, o seguinte problema: Como manter o direito à educação em um momento tão difícil, preservando as restrições do isolamento e distanciamento promovidos pela pandemia?

Na tentativa de dar continuidade ao ano letivo, e às práticas acadêmicas, as instituições adotaram um sistema de ensino remoto emergencial para garantir a continuidade das ações educacionais de modo seguro para todos. As mudanças tiveram que acontecer rapidamente, os professores precisavam se adaptar e transpor suas aulas para plataformas on-line, algo que talvez nunca tivessem utilizado, ou até mesmo, não conhecessem, ainda que, sem preparação, ou com preparação superficial para isso, já que se trata da primeira vez que um ensino presencial precisava ser suspenso, com a implementação de uma modalidade remota. Segundo Alvim e Vieira (2020, p. 46),

Os eventos relacionados com a pandemia da COVID-19 têm abalado vários aspectos estruturais do processo de ensino e aprendizagem em todo o mundo e em diferentes níveis. Como consequência (e levando em consideração que a quantidade de interações presenciais ultrapassa largamente as de tipo híbrido e totalmente virtuais somadas), surge a necessidade de se repensar e reestruturar a forma de os educadores proporcionarem trabalho de qualidade enquanto afastados do ambiente de uma aula presencial.

A palavra da vez foi adaptação, foi necessário reinventar um modelo de ensino adaptado ao cenário atual. Então, as faculdades e universidades procuraram se adequar às metodologias de ensino utilizadas pela Educação a distância, como soluções provisórias parciais para minimizar os impactos do distanciamento social. Mas a simples transição de práticas presenciais para a

modalidade online não é suficiente para garantir o sucesso do aprendizado, especialmente na velocidade que foi realizado. De acordo com Hodges et al. (2020), essa rápida transição pode diminuir a qualidade dos cursos, já que o desenvolvimento de um curso completo pode levar meses, e esse imediatismo ao colocar um curso online entra em conflito com o tempo e espaço necessários para o desenvolvimento de um curso de qualidade, sendo assim, esses cursos online não devem ser confundidos com as soluções de longo prazo, sendo apenas aceitos como uma solução temporária, mesmo perdurando por mais de um ano, para um problema imediato. Fica claro, nesta situação, que não se trata da escolha pela educação remota ou pela educação presencial, mas da necessidade de se discutir um contexto inédito, no qual as informações são utilizadas cotidianamente.

Ensino remoto, ensino online (EAD) e presencial.

Como o próprio nome remete, o Ensino Remoto Emergencial é uma modalidade de ensino transitória que não deve ser confundida com Educação a distância (EaD). Para entender essa questão, é fundamental que exista a percepção da diferença entre Educação a distância e o Ensino Remoto Emergencial. A EaD é uma modalidade de ensino com planejamento teórico e metodológico específico, prevista na Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB 9.394/96), e dispõe de ampla regulamentação para seu desenvolvimento, diferenciando-se das novas terminologias pela sua regulação e suporte teórico-metodológico em construção.

Além desta regulamentação mais ampla e estruturante, há ainda outras regulações que orientam o desenvolvimento da Educação a distância, definindo os formatos e critérios para a sua oferta, acompanhamento e avaliação pelos sistemas de ensino e os respectivos órgãos reguladores. A EaD já dispõe de um vasto campo de estudos e experimentações científicas, que subsidiam seu desenvolvimento (SANTANA; SALES, 2020, p. 79).

De acordo com Hodges et al. (2020), o Ensino Remoto Emergencial difere da Educação a distância, pois esta conta com uma equipe preparada para ofertar os conteúdos e atividades pedagógicas por diferentes mídias e plataformas on-

line. Diferenças essas, também destacadas em Santos e Gomes (2020), pois, de acordo com os autores, a aprendizagem online é muito diferente do Ensino Remoto, já que possui um formato específico que requer planejamento estratégico. Refere-se a processos específicos com planejamento educacional, plataforma própria usada e preparada para as aulas e avaliações, no qual professores usam os mesmos aparatos tecnológicos, mas sem o mesmo tipo de preparação sistemática. Contrastando com as experiências que são planejadas,

O ensino remoto de emergência (ERT) é uma mudança temporária de ensino para um modo de ensino alternativo devido a circunstâncias de crise. Envolve o uso de soluções de ensino totalmente remotas para instrução ou educação que, de outra forma, seriam ministradas pessoalmente ou como cursos combinados ou híbridos e que retornariam a esse formato assim que a crise ou emergência diminuísse (HODGES et al., 2020, p. 8).²

É importante ressaltar que a ausência dos encontros presenciais físicos, cara a cara, em ações educacionais não as caracteriza necessariamente como Educação a Distância. É necessária uma regulamentação detalhada e específica, além de uma construção teórico-científica já acumulada sobre esta modalidade. Essa realidade é um ponto importante de discussão sobre a fase de implementação desse ensino emergencial e como os alunos de língua inglesa absorveram essas diferenças.

Um dos pontos importantes a respeito das discussões realizadas pelos Conselhos Superiores, a respeito da implantação do ensino remoto emergencial, segundo Arruda (2020), foi o fato da tentativa de inclusão de todos os estudantes nas novas práticas a serem empregadas, já que o lema é “não deixar ninguém para trás”. Nesse quadro, seria necessário a avaliação da situação e condições sociais desses estudantes. Sendo assim, o autor destaca que

Se considerássemos apenas o ensino superior, na melhor das hipóteses, teríamos menos de 2% dos estudantes sem acesso a equipamentos e internet, ao considerarmos os dados do

² *emergency remote teaching (ERT) is a temporary shift of instructional delivery to an alternate delivery mode due to crisis circumstances. It involves the use of fully remote teaching solutions for instruction or education that would otherwise be delivered face-to-face or as blended or hybrid courses and that will return to that format once the crisis or emergency has abated* (Texto original. Tradução da autora)

IBGE/PNAD 2018, ou 10% das famílias sem acesso à internet e mais de 13% sem acesso a computadores (não se considerando a posse de celulares), a partir dos dados da ANDIFES (2018), referentes aos alunos de Instituições Federais de Ensino Superior. Nesse sentido, utilizando-se os dados que apresentam os menores percentuais de acesso à Internet, teríamos a presença de cerca de 120 mil alunos sem acesso à Internet e que exigiriam, portanto, políticas específicas de acesso equipamentos e dados (ARRUDA, 2020, p. 271).

Nesse sentido, o governo deve estimular alternativas para inclusão dessa parcela da população. Arruda (2020) afirma que a exemplo de países estrangeiros, devem ser estimulados convênios com empresas da área de tecnologias digitais para utilização gratuita de recursos para o amplo acesso da população escolar aos recursos digitais na educação.

Um estigma antigo e constante, referente ao aprendizado online, é que este método teria uma qualidade inferior ao presencial, crença reforçada atualmente devido à mudança súbita do curso presencial para o online, fazendo o aprendizado online parecer uma opção insuficiente. De acordo com Hodges et al. (2020), o imediatismo dessa transição impede que o profissional consiga utilizar o máximo dos recursos e possibilidades do formato online.

A educação online tem como característica a flexibilidade do ensino aprendizagem que, ao contrário do ensino presencial, pode ocorrer em qualquer lugar a qualquer hora, havendo a possibilidade das sessões síncronas e assíncrona, sendo que essa escolha, segundo Hodges et al (2020), depende das características dos alunos e do que melhor atenda às necessidades deles.

Segundo Rondini, Pedro e Duarte (2020), os desafios que a educação tem enfrentado neste momento de crise não são relacionados apenas às questões de conteúdo ou metodologia do processo, eles englobam questões sociais, familiares e econômicas dos estudantes, além da extrema importância atribuída ao ensino presencial, à socialização e à interação que ocorre em sala de aula. É importante ressaltar que é um equívoco comum comparar o curso presencial com a versão online desse curso, mas conforme Surry e Ensminger 2001), esse tipo de comparação não fornece valor real por três razões:

Primeiro, qualquer meio é simplesmente uma forma de fornecer informações, e um meio não é inerentemente melhor ou pior do que qualquer outro. Em segundo lugar, precisamos entender melhor as diferentes mídias e a maneira como as pessoas aprendem com as diferentes mídias para elaborar estudos eficazes. E, terceiro, há muitas variáveis de confusão até mesmo no melhor estudo de comparação de mídia para que os resultados sejam válidos e significativos (SURRY; ENSMINGER, 2001 *apud* HODGES, et al. 2020, p.10)³.

Para avaliação dessa implementação, do ponto de vista acadêmico, os resultados da aprendizagem dos alunos seriam o principal interesse. Para isso, seria necessário análise de pontos fundamentais, como conhecimento ou habilidades adquiridas, ou até mesmo a motivação e engajamento que estão diretamente ligados ao sucesso da aprendizagem dos alunos. Vale salientar que, apesar de vivermos em uma emergência sanitária de saúde, este é o momento propício para reconfiguração das políticas atuais de acesso tecnológico, para inclusão de toda a comunidade acadêmica, possibilitando a diminuição das desigualdades existentes entre alunos de escola pública e privada, e assim todo público escolar tem direito a esse bem.

A sala de aula durante a pandemia

O ensino remoto emergencial, em um período de pandemia, é um cenário nunca antes imaginado por essa geração de alunos e professores, mesmo em meio à era da informação atualmente vivida, com aparatos tecnológicos amplamente difundidos, como computadores, smartphones e aplicativos, que já fazem parte do nosso cotidiano, estando presentes e disponíveis há algum tempo. O desempenho da comunidade escolar nesse processo, nessa nova experiência de adaptar a sala de aula presencial, e relacioná-la com o mundo pandêmico, necessitava de uma reflexão sobre a práxis docente, iniciando, assim, discussões a respeito de um assunto extremamente relevante, por hora

³ *First, any medium is simply a way to deliver information, and one medium is not inherently better or worse than any other medium. Second, we need to better understand different media and the way people learn with different media to design effective studies. And, third, there are too many confounding variables in even the best media comparison study for the results to be valid and meaningful* (Texto original. Tradução da autora).

esquecido, a respeito da educação tecnológica, não só dos estudantes, mas, também, dos professores.

Todos os seguimentos de ensino foram afetados com a suspensão das aulas durante a fase inicial da pandemia. O cancelamento das aulas presenciais trouxe uma multiplicidade de sentimentos a todos os envolvidos na comunidade acadêmica, como a ansiedade gerada pela expectativa do retorno à normalidade, o medo da doença desconhecida e sua gravidade, e o estresse pela implementação de um novo modelo acadêmico, que ainda é desconhecido de muitos.

Saraiva, Traversini e Lockman (2020) lembram que, no ensino a distância, o aluno tem maior parcela de responsabilidade, devendo planejar e cumprir as tarefas exigidas para que a aprendizagem ocorra, enquanto no ensino remoto essa responsabilidade recai sobre o professor, que deve ministrar momentos síncronos, desenvolver e corrigir atividades em grande quantidade, ainda que sem suporte para isso, além de converter todo material, antes presencial, para a modalidade remota, o que acarreta em uma grande sobrecarga de trabalho, estresse, cansaço e esgotamento nervoso.

Os professores enfrentam alguns obstáculos perceptíveis durante as aulas remotas, como dificuldade em manusear a plataforma, falta de conhecimento sobre as inúmeras possibilidades disponíveis, a pouca interação durante as aulas ministradas, a impossibilidade de ver a reação dos alunos, devido às câmeras desligadas. Como resultado, o contato não é intensificado como no ensino presencial. A repentina mudança na rotina, relacionada às incertezas e inseguranças do contexto da pandemia, pode afetar o estado psicológico de toda comunidade escolar, que passa a se sentir isolada e desamparada, o que sugere a necessidade de novas estratégias de planejamento coletivo apoiadas por tecnologias interativas para o fortalecimento dos laços e a garantia de interações fundamentais para o bem-estar mental.

Assim, com a implantação do ensino remoto emergencial na Universidade Federal de Sergipe, surgiu a necessidade de inclusão de todos o corpo discente nas atividades propostas, de modo que se tornou imprescindível o desenvolvimento de estratégias capazes de solucionar esse problema. Uma boa

medida, foi o auxílio estabelecido para alunos carentes ou de baixa renda, oferecido através de edital de avaliação, para que estes alunos pudessem adquirir o equipamento eletrônico (notebook, computador, tablet) necessário para utilização nas aulas remotas, mas o valor oferecido, infelizmente, era um valor abaixo do preço de mercado. Mesmo doando ou facilitando a compra do aparelho físico, nem todas as famílias foram contempladas e, ainda assim, há o problema da conectividade, já que nem todo mundo tem internet de qualidade que possibilite a demanda necessária para o ensino remoto.

A conexão com a internet talvez seja o maior problema que o aluno enfrenta na pandemia, mas, com certeza, não é o único. Há quem acredite na flexibilização e facilitação dos estudos, ou seja, devido ao atual cenário pandêmico, alunos acreditam que professores devem “pegar leve”, diminuindo o nível de exigência, já que há uma certa dificuldade em estabelecer uma rotina diária de estudos, pois “*life happens*”, a vida acontece e os acontecimentos fora sala de aula, do cotidiano familiar, acabam sendo transportados para dentro da sala de aula virtual e interrompendo o momento acadêmico. Acaba ficando sobrecarregado manter a concentração com a vida acontecendo ao seu redor, com o comprometimento do nível de dedicação e concentração, o que torna o ensino remoto bastante invasivo.

Um outro ponto que atinge fortemente a qualidade da educação se refere à moradia dos discentes, seja pelo tamanho, quantidade de moradores, condições de moradia e condições financeiras (fez uso do auxílio emergencial), o que faz com que muitos alunos não tenham um espaço propício para os estudos e sem o silêncio necessário para as aulas. Não ter computador em casa, ou ainda ter que compartilhá-lo com mais de um membro da família se constitui também em um problema durante as aulas. Alguns alunos passaram a acompanhar as aulas por meio de celular, que por não ser o objeto ideal para utilização, acaba limitando os recursos que podem ser utilizados. Esses fatores refletem diretamente no desempenho dos alunos e no modo pelo qual os discentes se adaptaram ao ensino remoto emergencial.

Aquele aluno que não tem possibilidade de acompanhar as aulas síncronas, tem a opção de acompanhá-las de forma assíncrona, mas até que

ponto o aluno tem a possibilidade de ingressar em salas virtuais e e-mails acadêmicos sem o devido auxílio e acompanhamento? A falta de contato também é um ponto que afeta os estudos e aprendizagem, então a impossibilidade de interagir, tirar dúvidas ou até mesmo ter o contato físico para discussão acaba limitando o leque de informações e diálogos que o aluno estaria exposto, acrescentando e enriquecendo seu aprendizado, o que cria uma desconexão entre os alunos, e interfere nas questões motivacionais.

O Contexto do estágio supervisionado

Diante do cenário vivenciado atualmente, a disciplina de Estágio Supervisionado teve que se adaptar, assim como todo quadro didático acadêmico. No ano de 2020, houve o estabelecimento de uma problemática: a interrupção do ano letivo, já que as escolas públicas em nosso estado não se adequaram para adesão e implantação do ensino remoto emergencial e suas atividades presenciais foram suspensas. Para seguir com as atividades acadêmicas, foi feita a divisão do material didático em blocos de atividades, que eram encaminhadas para residência de cada aluno, para que estes pudessem realizá-las e, por fim, devolvê-las. Nesse cenário, como os alunos de Estágio Supervisionado, disciplina obrigatória para qualquer curso de formação de professor, poderiam realizar as atividades inerentes à disciplina?

O Estágio Supervisionado é conceituado como um âmbito de potencialidades e possibilidades na formação inicial de professores, permitindo conhecer a profissão docente nos contextos em que se atua, proporcionando o contato com as diversas práticas pedagógicas, com diferentes perfis profissionais, além de lidar com o cotidiano da sala de aula e da escola, vivenciando a realidade dos alunos, suas necessidades e particularidades, entre vários outros aspectos.

Esse, com certeza, foi um grande desafio que a universidade teve que trabalhar, por ter se constituído em uma situação nunca antes imaginada, e que teve que ser completamente repensada. No caso dos alunos de Estágio Supervisionado do curso de Letras Português – Inglês, devido a estas dificuldades, o estágio foi realizado, quase que exclusivamente, no Colégio de

Aplicação – CODAP, devido ao acordo dos professores em aceitarem um número muito maior de alunos estagiários do que o estipulado pela escola, a fim de conceder a todos a devida experiência oferecida pela disciplina.

Na disciplina Estágio Supervisionado I, não houve a obrigatoriedade do acompanhamento de todas as aulas síncronas realizadas no CODAP, devido ao número de estagiários cadastrados e o curto espaço de tempo restante para realização deste acompanhamento. Durante este período, também não foi possível a regência durante o estágio, em decorrência do grande número de estagiários por turma, nas aulas do CODAP, e das orientações disponibilizadas pelo departamento de Letras Estrangeiras, núcleo de estágio e o Colégio de Aplicação, pois esses alunos não conseguiriam acompanhar aulas em escolas regulares do ensino público do Estado, ficando o CODAP responsável para dar o suporte mínimo necessário para a vivência na sala de aula, mesmo que de forma remota.

A alternativa encontrada pela professora regente foi a análise das atividades assíncronas postadas no portal do Colégio de Aplicação (Codap). Todo processo inicial do Estágio foi cumprido, com a escolha da turma, assinatura dos termos de estágio e realização de relatório. A diferença estaria neste último, já que foi aberta a opção de relatório de estágio ou relatório das atividades do segundo semestre da turma acompanhada. Neste caso, foi realizado um relatório de análise das atividades da turma do 6º ano, turma essa que havia ingressado naquele mesmo ano na escola, já que, no CODAP, os alunos são admitidos no 6º ano.

Ingressando na disciplina Estágio Supervisionado II, já foi apontado, inicialmente, pela professora regente, que o aluno estaria livre para realizar o estágio onde lhe fosse mais conveniente, expondo ainda que o Codap, como no período anterior, estaria aceitando um número maior de estagiários novamente, devido à extensão do quadro pandêmico que vivenciamos. Então, as diretrizes foram estabelecidas: devido ao grande número de estagiários cadastrados, não seria possível as atividades de regências durante o estágio, mas o aluno estagiário deveria, agora, acompanhar todas as aulas referentes à carga horária do estágio.

A turma acompanhada foi a do 7º ano, com aulas semanalmente, às quartas-feiras, das 8:00 às 8:50. Finalmente, a oportunidade de vivenciar a sala de aula, mesmo que virtualmente, durante todo o semestre, e em uma turma que nunca teve aulas presenciais no Codap, pois ingressaram na escola no auge da pandemia.

Já no início da primeira aula, foi perceptível que o professor supervisor tinha desenvoltura para lidar com tecnologia e procurava deixar a aula de inglês mais interativa possível. O professor sempre inicia sua aula com música, e as músicas utilizadas são as selecionadas e escolhidas pelos próprios alunos. Em seguida, ele pede para ligarem as câmeras, solicitação que nem sempre é atendida por todos, mas é possível perceber que os alunos não se negam a participar. Durante o período de estágio, pude acompanhar e refletir sobre a atuação do professor de Língua Inglesa, podendo perceber a manutenção de uma educação pautada nas necessidades dos alunos, apoiada em uma postura crítica e reflexiva, que buscava ativar o processo de formação de cidadãos.

Baseada na minha experiência como aluna, também do Colégio de Aplicação, escola onde estudei no ensino fundamental e médio, pude notar que assim como minha experiência pessoal, com a minha professora de inglês da época, o professor da turma do 7º ano, procurou ao máximo interagir com seus alunos, estabelecendo uma abertura para o diálogo e construção do conhecimento. O professor não se colocou como detentor da verdade e certeza. Ele procurou construir junto com alunos o sentido, tentando fazer com que eles refletissem e compreendessem o que estava sendo trabalhado. O trabalho desse professor se assemelha ao que passei com a minha professora na época do colégio, uma das grandes responsáveis pelo meu interesse em estudar inglês.

Eu adorava suas aulas e o dinamismo dos assuntos, de modo similar ao observado nas aulas que acompanhei do professor do 7º ano do Codap. Passei a admirar a metodologia do professor, principalmente diante do cenário atual que vivemos. Logicamente que problemas foram encontrados durante as aulas observadas, como dificuldade de conexão, dispersão da turma no chat, alguns alunos que realmente não participam, além de constantes mal-entendidos,

mesmo após explicações repetidas por incontáveis vezes, com o professor procurando sempre resolver esses casos, imediatamente.

Algumas Considerações

A experiência com Estágio II com certeza contribuiu para o enriquecimento da minha formação como professora de Língua Inglesa. Apesar da limitação de contato e da falta da regência, a experiência no Estágio auxiliou-me na análise e até elaboração das propostas pedagógicas. Acompanhando a realidade em sala de aula, o aluno percebe que nem tudo sai como devidamente planejado e que é preciso ter dinamismo e alternativas para contornar os problemas apresentados. Inclusive, não só problemas de aula e conteúdo, porque os alunos trazem suas vivências para o ambiente em sala de aula.

A disciplina de Estágio Supervisionado possibilitou que repensasse a ação docente através da união de experiências vividas com os conhecimentos obtidos na Universidade, pois, além dos conhecimentos acadêmicos, o estágio ajudou a reconhecer práticas que vão além do papel e do livro, práticas que são adquiridas e construídas durante a vida profissional, como professor. Experiências que serão válidas para aplicá-las em sala de aula, como futuro profissional que está sempre em adaptação e transformação. Tal experiência oferece suporte e otimização dos nossos conhecimentos, como alunos, dando a oportunidade de participar do universo escolar e compreender o efetivo papel do educador dentro desse contexto. O fato de termos feito o estágio no período do ensino remoto tirou-nos a possibilidade de acompanhar uma turma presencial, mas, por outro lado, abriu o espaço para que pudéssemos experimentar o verdadeiro sentido da palavra resiliência, já que na modalidade de Ensino Remoto, a falta de exemplos e de relatos faz com que as novas descobertas e adaptações sejam quase que rotineiras.

A formação do professor ultrapassa os limites da sala de aula e não se concretiza de uma só vez, trata-se de um processo contínuo, que não engessa e se estagna à conceitos teóricos adquiridos durante a Faculdade, mas sim, composto por um conjunto de experiências vividas e adquiridas através da

relação intrínseca entre teoria e prática, e toda a vivência profissional no decorrer dos anos, inclusive quando essa vivência está inserida em uma pandemia, com protocolos definidos e práticas ainda em processo de compartilhamento e construção.

Referências

ALVIM, Renato de Souza; VIEIRA, Nilzimar. **O ensino na era do COVID-19: desafios, promessas e progressos**. *Revista Letras Raras*. Campina Grande, v. 9, n. 4, p. 45-57, dez. 2020.

ARRUDA, Eucidio Pimenta. **Educação remota emergencial: elementos para políticas públicas na educação brasileira em tempos de Covid-19**. *Em Rede*, v. 7, n. 1, p. 257-275, 2020.

HODGES, Charles; TRUST, Torrey; MOORE, Stephanie; BOND, Aaron; LOCKEE, Barb. **The Difference Between Emergency Remote Teaching and Online Learning**. *Educause*, 2020. Disponível em: <https://er.educause.edu/articles/2020/3/the-difference-between-emergency-remote-teaching-and-online-learning>

RONDINI, Carina Alexandra; PEDRO, Ketilin Mayra; DUARTE, Claudia dos Santos. **Pandemia da Covid 19 e o ensino remoto emergencial: mudanças na prática pedagógica**. *Interfaces Científicas*, Aracaju, v. 10, n.1, p. 41-57, 2020.

SANTANA, Camila Lima; SALES, Kathia Marise Borges. **Aula em casa: educação, tecnologias digitais e pandemia covid-19**. *Interfaces Científicas*, Aracaju, v. 10, n.1, p. 75-92, 2020.

SANTOS, Elaine Maria; GOMES, Rodrigo Belfort. **Emergency remote teaching at EWB-UFx during coronavirus pandemic: coping with (di)stress**. *Signo*. Santa Cruz do Sul, v. 46, n. 85, p- 45-56 jan/abr. 2020.

SARAIVA, K; TRAVERSINI, C; LOCKMANN, K. **A educação em tempos de COVID-19: ensino remoto e exaustão**. *Práxis Educativa*, Ponta Grossa, v. 15, e2016289, p. 1-24, 2020.